

ESCAVAÇÃO DA MAMOA 1 DE OUTEIRO DE ANTE SERRA DA ABOBOREIRA — BAIÃO

Vítor OLIVEIRA JORGE (*)

0 — INTRODUÇÃO

Como é bem sabido, a Serra da Aboboreira é um grande batólito granítico, de topo aplanado, situado na confluência de três concelhos da área leste do distrito do Porto: Amarante, Baião e Marco de Canaveses. Desde 1978 tem aí funcionado uma unidade de investigação arqueológica, que designámos «Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira», o qual actualmente envolve três linhas de pesquisa principais: megalitismo, Idade do Bronze e ocupação medieval.

As mamoas da Serra da Aboboreira — cujo número ronda a meia centena — localizam-se habitualmente em chãs, principal elemento constitutivo daquele vasto «plateau». Outeiro de Ante (provável corruptela de «Anta») é o nome que damos a uma dessas chãs, alongada na direcção NE-SW, situada a cerca de 940 m. de altitude absoluta, entre Outeiro de Ante, a SW (com cotas de 958, 962 m.) e a elevação em cujo bordo sul se encontra a capelinha de N.^a S.^a da Guia, a NE (cotas de 996, 972 m.). Tem cerca de 450 m. de extensão, e é atravessada pelo estradão principal da serra, do qual partem, para norte e sul, caminhos secundários. Cor-

(*) Professor da Faculdade de Letras do Porto — R. Aníbal Cunha, 101-3.º Dto. Tras. — 4000 PORTO.

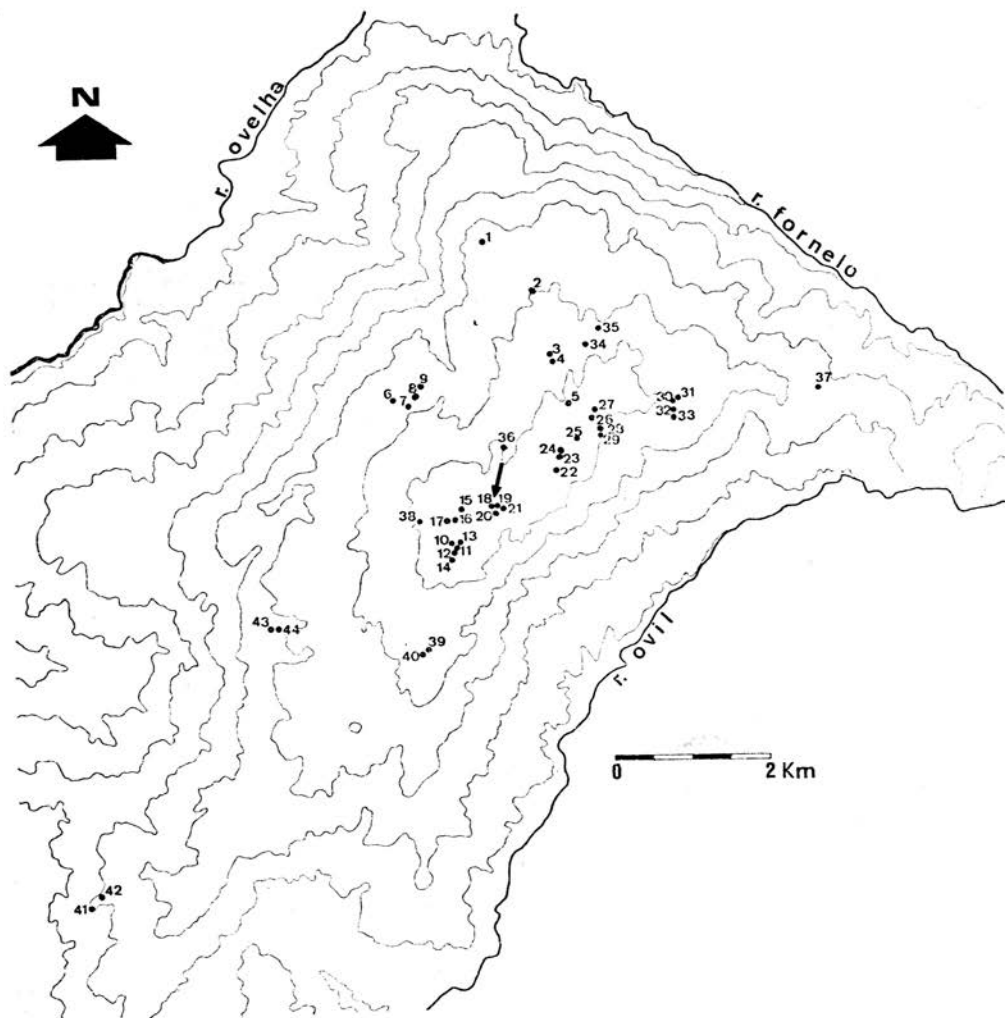


Fig. 1—Localização da Mamoa 1 de Outeiro de Ante no conjunto megalítico da Serra da Aboboreira (indicada pela seta—n.º 18).

responde, nitidamente, a uma linha de divisão de águas, neste caso de pequenas ribeiras.

O núcleo megalítico de Outeiro de Ante é presentemente composto por três mamoas, dispostas em grosseiro triângulo, na base daquele Outeiro, junto à confluência do estradão principal com o que se dirige para Aldeia Nova, e nas proximidades do Tapado «Henrique Fonseca», que ocupa a parte norte do mesmo Outeiro, estendendo-se para uma chã adjacente. Um quarto monumento, a que parece aludir José de Pinho em apontamentos inéditos, encontrar-se-á hoje destruído ou reduzido a magros vestígios. Situar-se-ia a c. de 150 m. para ESE da mamoa estudada neste trabalho.

Na sequência de escavações praticadas por nós na Mamoa 3, em 1978, e por A. A. Huet de Bacelar Gonçalves na Mamoa 2, em 1979, a Mamoa 1 foi escavada sob nossa direcção em Julho-Agosto de 1981, com a participação de estudantes universitários e pré-universitários e de elementos do «Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto». O apoio financeiro e logístico foi concedido pelo Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis e pela Câmara Municipal de Baião.

O monumento em análise localiza-se a cerca de 70 m. do estradão principal da Serra, a c. de 10 m. para leste do Tapado acima referido, e a uma distância de aproximadamente 700 m. WSW da capelinha de N.^a S.^a da Guia (freguesia de Ovil, concelho de Baião).

Coordenadas geográficas:

41° 11' 24" Lat. N.
1° 5' 50" Long. E. Lx.

(seg. a «Carta Militar de Portugal», na escala de 1:25.000, folha 125 — Baião).

1 — METODOLOGIA DA ESCAVAÇÃO

A metodologia utilizada, nas suas grandes linhas, foi a seguinte:

- inserção do volume tumular num quadrado de 28 m. de lado, e sua quadriculagem (quadrícula de 2 m. de lado), com o auxílio de um nível topográfico; orientou-se o quadrado segundo os pontos cardeais (a partir do Norte magnético), tal como fora feito na Mamoa 2 próxima;
- cotação, de metro a metro, de toda a área assim circunscrita, e levantamento da planta inicial, à escala de 1/100 (imposta pelas

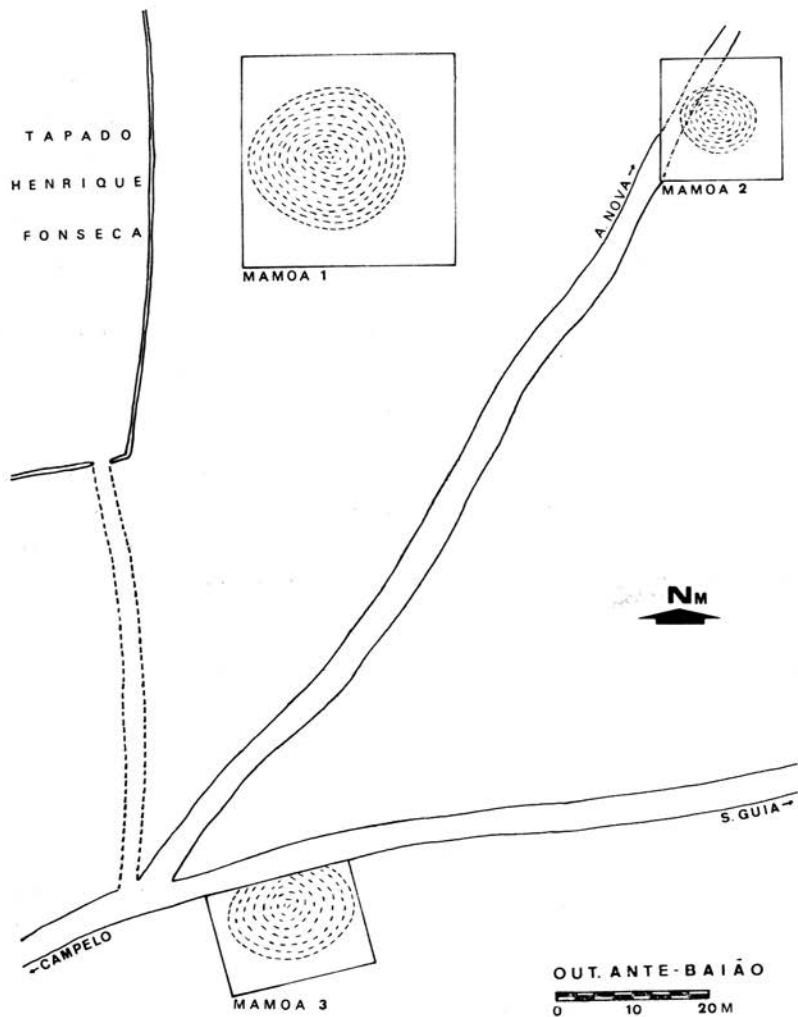


Fig. 2—Croquis da posição relativa das três mamoadas escavadas em Outeiro de Ante.

- grandes dimensões do monumento), com as respectivas curvas de nível;
- abertura de quatro sanjas rectangulares, orientadas pelos pontos cardeais, e encontrando-se no centro geométrico do quadrado, formando dois L, segundo o processo clássico utilizado em monumentos providos de «tumulus». Até agora, nunca tínhamos usado este método (que permite cortes estratigráficos contínuos segundo o diâmetro, ou segundo os eixos, respectivamente maior e menor, das mamoadas), porque estávamos mais preocupados em obter estratigrafias (parcelares mas precisas) em zonas contíguas aos esteios das câmaras. Na verdade, este método é mais facilmente aplicável aos «tumuli» onde não há estruturas arquitectónicas internas importantes, pelo menos visíveis à superfície, em direcção às quais seja interessante abrir as sanjas, para observação estratigráfica. Corre-se de facto o risco de a câmara, que muitas vezes é descentrada em relação ao «tumulus», ficar de fora das áreas em L, ou de se não obter cortes «contra» os esteios. Mas, neste monumento, foi possível conjugar bem, pelo processo indicado, o estudo das estratigrafias do «tumulus» e da estrutura dolménica, programando-se desde o início atentamente, no momento da marcação do quadriculado, a estratégia a seguir;
 - em todas as zonas abertas, o processo foi sempre o mesmo: remoção da camada humosa superficial; registo fotográfico e por desenho (este só dirigido aos principais elementos da estrutura) da couraça lítica; desmontagem da couraça lítica, e escavação das terras da mamoadada (conjugando a decapagem, experimental, com a remoção controlada, à pá e enxada, dessas terras, uma vez constatada a sua esterilidade, tanto em estruturas — ou outras «alterações» arqueológicas — que poderia conter, como em material);
 - desenho, à escala 1/20, dos principais cortes estratigráficos, no sentido N-S e E-W;
 - colocação do esteio 4 (laje de cabeceira), que se encontrava tombado para o interior da câmara, em posição próxima da original, e escavação integral do interior da câmara (por sectores, deixando sempre cortes estratigráficos de controlo), até ao granito diaclasado da base, com peneiração de todo o seu conteúdo;

MAMOA 1 OUT. ANTE BAIÃO 81
 PLANTA INICIAL

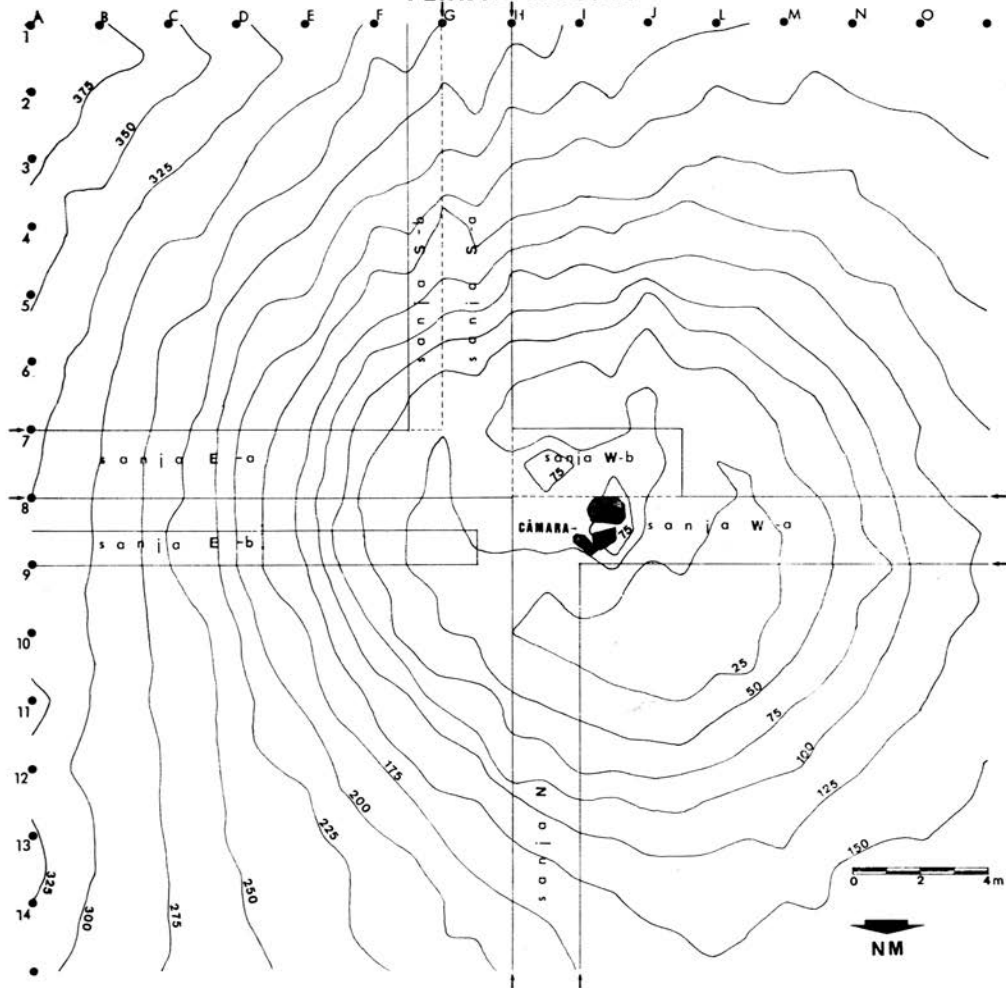


Fig. 3 — Planta inicial do estado do monumento antes dos trabalhos, com indicação dos sectores escavados. A negro: vestígios visíveis da câmara dolménica. Equidistância das curvas de nível: 25 cm.

- desenho da planta e alçados da câmara;
- obtenção de amostras de sedimentos, nos cortes da mamoa, para análise pedológica (operação realizada pelo Sr. Prof. Rui P. Ricardo, do Instituto Superior de Agronomia, de colaboração com o assistente Eng.º Valeriano Madeira).

2 — RESULTADOS

2.1 — A mamoa

A mamoa 1 de Outeiro de Ante é, com certeza, um dos maiores monumentos da Serra da Aboboreira, se não o maior (os 25 m. de «diâmetro» atribuídos normalmente ao dólmen de Chã de Parada correspondem apenas a uma estimativa, e terão de ser um dia precisados através de uma escavação, pois a erosão, «diluindo» os volumes iniciais, sugere formas mais amplas do que as reais). Com efeito, se o destaque com que o seu volume se apresenta na paisagem se deve em parte, como sempre pensámos, ao facto de se encontrar assente num afloramento granítico, é a sua considerável espessura que decisivamente contribui para o destaque referido. Realmente, as escavações mostraram que esse afloramento, na zona em que a mamoa se encontra, acompanha perfeitamente o declive regular da colina (que vem a «descer» de Outeiro de Ante para o lameiro junto ao qual se acha a Mamoa 2), tendo assim o monumento que compensar a inclinação natural do terreno, por forma a dar ao observador a impressão de um volume hemisférico assente num plano. A forma e dimensões actuais da mamoa, calculadas a partir da área escavada, são as seguintes: sub-elipse, com um eixo maior NW-SE de cerca de 21 m. e um eixo menor NE-SW de cerca de 19 m.; altura máxima — c. de 2 metros.

Antes das escavações a mamoa apresentava-se coberta de vegetação rasteira, e tinha, ao centro, uma profunda depressão resultante de violações e «sondagens» clandestinas anteriores; nessa depressão observavam-se os esteios 1 («in situ»), 2 (inclinado para o interior) e 4 (grande laje de cabeceira tombada ao lado e para sul dos dois anteriores). A superfície do monumento, a certa distância da câmara, coincidindo com a área em que a mamoa, grosseiramente aplanada na parte superior, começa a inclinar-se para a periferia, viam-se algumas lajes de grande porte. A função desse tipo de lajes era um dos problemas que a esca-

MAMOA 1

OUT. ANTE

BAIÃO 81

PLANTA DA
ÁREA ESCAVADA
APÓS DECAPAGEM

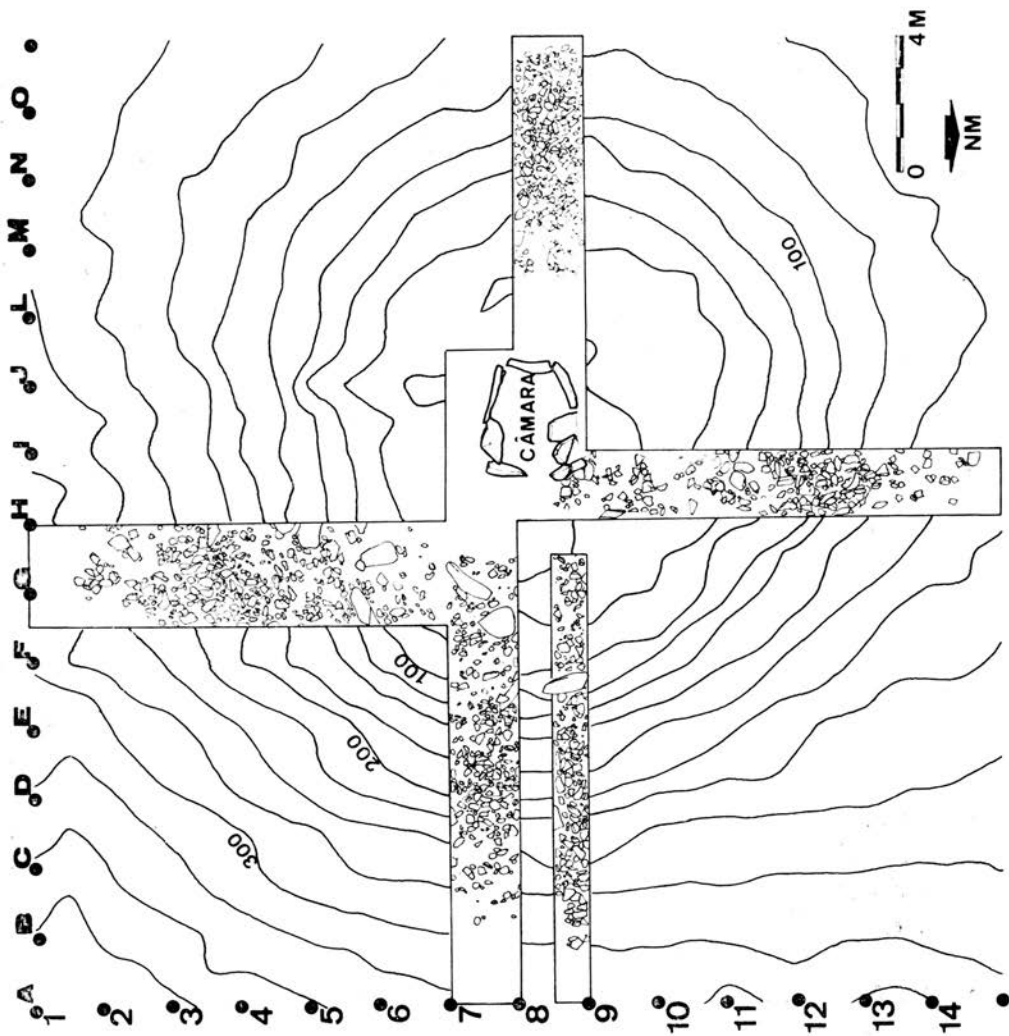


Fig. 4 — Planta do monumento após a decapagem superficial e a escavação da câmara.

vação deveria resolver, tanto mais que, já na escavação da Mamoa 3 deste núcleo, em 1978, a grande quantidade de lajes existentes à superfície do monumento nos havia intrigado. Foi para esclarecer esta questão que se abriram as sanjas sul-b e leste-b.

Ora o que se verificou tanto nos cortes como nas decapagens foi que, na sua maior parte, tais lajes se inseriam perfeitamente no conjunto da couraça pétreo. Tendo esta de cobrir uma superfície vasta, tornava-se mais cómodo, sobretudo nas áreas em que o monumento poderia estar mais exposto aos agentes erosivos, aplicar grandes lajes em vez de pedras mais pequenas, assegurando assim uma maior solidez na construção. Não realizámos uma decapagem total do monumento, mas é bem possível que originalmente tivesse existido algo como um anel irregular de grandes lajes numa área situada a c. de uns 6-7 m. de um ponto central da câmara. A função protectora destas lajes era tanto mais necessária quanto a parte restante da couraça se mostrava, nesta mamoa, menos sólida e coerente do que as das mamoas 3 do mesmo núcleo, ou 2 e 3 de Outeiro de Gregos, por exemplo. Nem nas decapagens, nem nos cortes, tal couraça pétreo se apresentava contínua, e densamente imbricada, como era habitual naquelas outras mamoas. Este facto deve-se decerto, em parte pelo menos, a uma mais intensa erosão sofrida por este monumento, em consequência da posição proeminente que ocupa no terreno, e das suas próprias dimensões. Note-se que na sanja leste-b (E8) a escavação mostrou que uma grande laje aí existente se encontrava pousada sobre a couraça lítica (com uma espessura, no local, de uns 35 cm.), podendo admitir-se, ou que se trata de uma laje de reforço, ou então de um elemento não original, e devido a destruições do monumento.

O carácter desconexo e heterogéneo da couraça de revestimento levou-nos a não distinguir, como de costume, duas camadas de terras húmusas com raízes, uma cobrindo a couraça, a outra subjacente a ela. Tratava-se de uma única camada de sedimento superficial húmido, com uma espessura variável (30 cm. a 70 cm., aproximadamente), interrompida apenas, nos cortes, pelo alinhamento descontínuo das pedras da couraça. Apesar dessa descontinuidade, a parte periférica da mesma couraça estava, em todos os cortes, bem marcada: maior acumulação de pedras, algumas das quais em posição muito oblíqua ou mesmo vertical, impedindo o escoamento das terras do «tumulus».

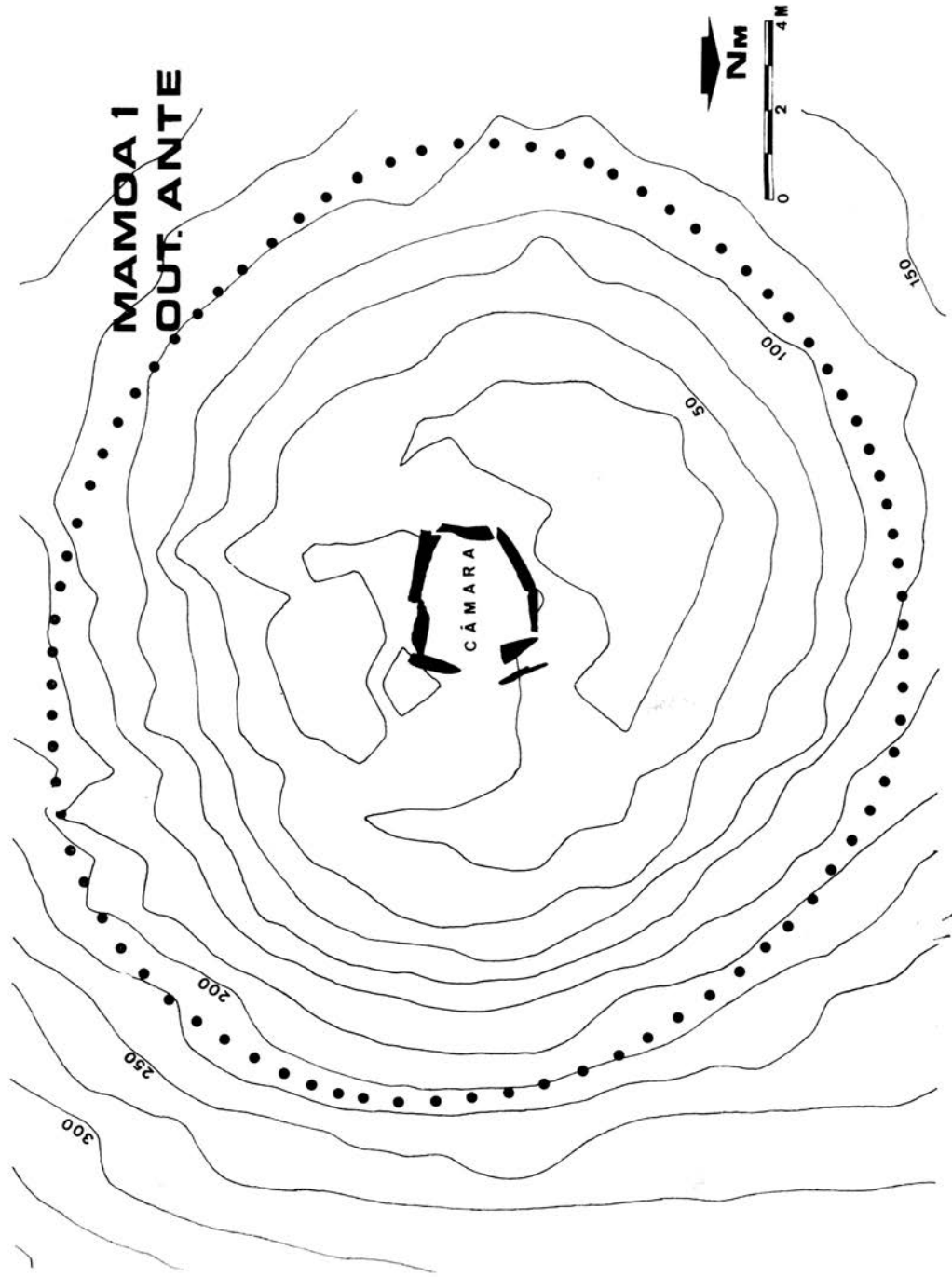


Fig. 5 — Planta do monumento, com indicação da periferia do «tumulus» (indicada por linha de pontos) tal como a escavação a revelou.

Abaixo desta camada superficial, encontravam-se as terras intactas, castanho-acinzentadas, do «tumulus», numa espessura máxima de c. de 1,40 m. Porém, em alguns cortes, entre aquelas camadas intercalava-se um outro nível, com uma espessura variável (20 a 50 cm.), de terras mais húmidas e menos compactas do que as intactas do «tumulus»; esse nível, de cor castanha, acompanhava o perfil descendente da mamoa (corte norte-sul, zona sul, lado oeste; corte oeste-este, zona oeste, lado norte).

As terras intactas do «tumulus», como é habitual, aumentavam em compacidade do topo para o fundo, e apresentavam pequenas manchas mais escuras, correspondentes a deposições de solo mais húmido, que lhes conferiam uma cor mesclada. Em alguns cortes, porém, nomeadamente no corte este-oeste, zona oeste, lado sul, notava-se manchas de maiores dimensões, alongadas, e com uma inclinação concordante com a da mamoa. Algumas dessas manchas (na sua generalidade praticamente impossíveis de figurar nos desenhos estratigráficos, pois eram tantas que apenas viriam complicar a respectiva leitura) continham carvões em certos locais, e podem corresponder a momentos em que, durante a construção do monumento, se fizeram fogueiras sobre ele (na sanja norte, corte norte-sul, lado este, surgiu uma concentração de carvões em torno de uma pequena pedra carbonizada «in situ»).

Algumas das manchas observadas nos cortes, nomeadamente junto e sobre o contraforte da câmara (sanja sul-a, lado oeste, e sanja este-a, lado norte) eram constituídas por sedimento fino, compacto, acastanhado muito escuro, tipo limo, que decerto foi trazido de um lameiro próximo, para atapetar a base da mamoa em torno da câmara, e lhe dar maior consistência; a espessura média do conjunto dessas «bandas» negras era da ordem dos 40-50 cm. Sobre o contraforte, no corte N-S (quadrado G7, lado oeste) tais bandas dispunham-se em arco de círculo, sobre o contraforte, indicando a sucessão dos actos construtivos. A estratigrafia do «tumulus» neste sector era muito explícita, e pode descrever-se assim:

- c. 1 — terra vegetal, pouco compacta, castanho-escura, com raízes e pedras soltas (certamente resultantes de revolvimentos na área perto da câmara) — c. de 40 cm. em média;
- c. 2 — terras compactas, castanho-acinzentadas, correspondendo aos sedimentos «in situ» — c. de 35 cm. em média;

- c. 3 — idem, com manchas arqueadas, negras, limosas, sobre o contraforte — c. de 50 cm. em média;
- c. 4 — contraforte de pequenas lajes grosseiramente justapostas (extremidade SE) — c. de 30-35 cm. em média;
- c. 5 — «piso» de saibro depositado e calcado, amarelado — c. de 8 cm. em média;
- c. 6 — paleossolo enterrado, castanho-escuro — c. de 8 cm. em média;
- c. 7 — granito alterado do substrato.

Relativamente ao contraforte da câmara (correspondente acima à c. 4), convém dizer que ele era excepcionalmente grande e espesso, em perfeita relação com as grandes dimensões do monumento. O corte este-oeste, lado oeste, por exemplo, permite apreciar o seu enorme desenvolvimento para oeste da câmara: c. de 4 m. de máxima extensão, e uma altura máxima, na parte conservada, de c. de 1 m. Também em plano este contraforte era impressionante, cinturando inteiramente a câmara, muito embora o seu carácter dissimétrico, com maior extensão para oeste, se explicasse pela necessidade de escorar, desse lado, a enorme laje de cabeceira. Era nítida, nesse área, a intenção de reforço desta estrutura, que incluía blocos de grandes dimensões, profundamente imbricados; para o exterior, essa imbricação era menor, e entre as pedras existia uma grande quantidade de terra, preenchendo os interstícios. É curioso referir o carácter «fresco», cortante, das arestas das lajes e blocos do contraforte, em contraste com o boleamento mais ou menos acentuado dos elementos da couraça de revestimento. Só na zona leste, junto à entrada da câmara, o contraforte se encontrava menos bem conservado, em resultado das violações, que também o afectaram parcialmente do lado oposto. O seu eixo maior, em planta, e abstraindo da área da câmara ao centro, pode calcular-se em cerca de 9 m., o que diz tudo sobre a grandiosidade desta estrutura, tornada necessária por uma câmara de dimensões relativamente grandes, e onde os esteios não estavam profundamente enterrados no substrato, como veremos.

2.2 — O *dólmen*

O *dólmen* do monumento n.º 1 de Outeiro de Ante encontrava-se ainda relativamente bem conservado, apesar dos sinais de violação, visí-

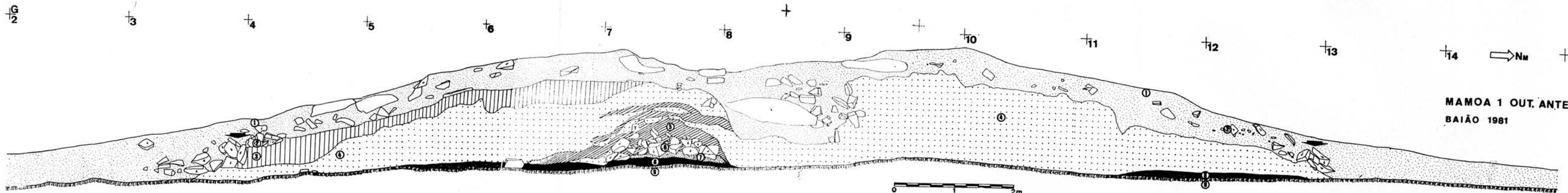


Fig. 6 — Perfil sul-norte do monumento (correspondente à «parede» oeste da linha dos Gs). Fechos externos da couraça pétrea indicados por setas verticais. Leitura estratigráfica; 1—terras húmusas superficiais; 2—couraça pétrea; 3—mancha de terras acastanhadas; 4—terras castanho-acinzentadas; 5—sedimento fino, castanho-escuro, do tipo limo; 6—periferia do contraforte da câmara; 7—linha de saibro depositado; 8—solo enterrado; 9—granito alterado da base. T—toca de animal.

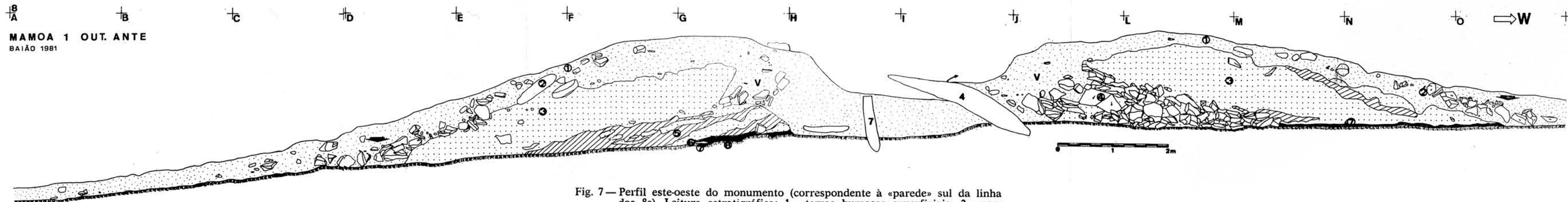


Fig. 7 — Perfil este-oeste do monumento (correspondente à «parede» sul da linha dos 8s). Leitura estratigráfica; 1—terras húmusas superficiais; 2—couraça pétrea; 3—terras castanho-acinzentadas; 4—contraforte da câmara; 5—sedimento fino, castanho-escuro, do tipo limo; 6—nível de saibro calçado, pouco espesso; 7—solo enterrado; 8—granito alterado da base. V—fossa de violação.

MAMOA 1 OUT. ANTE
CÂMARA-PLANTA

NÃO
ESCAVADO

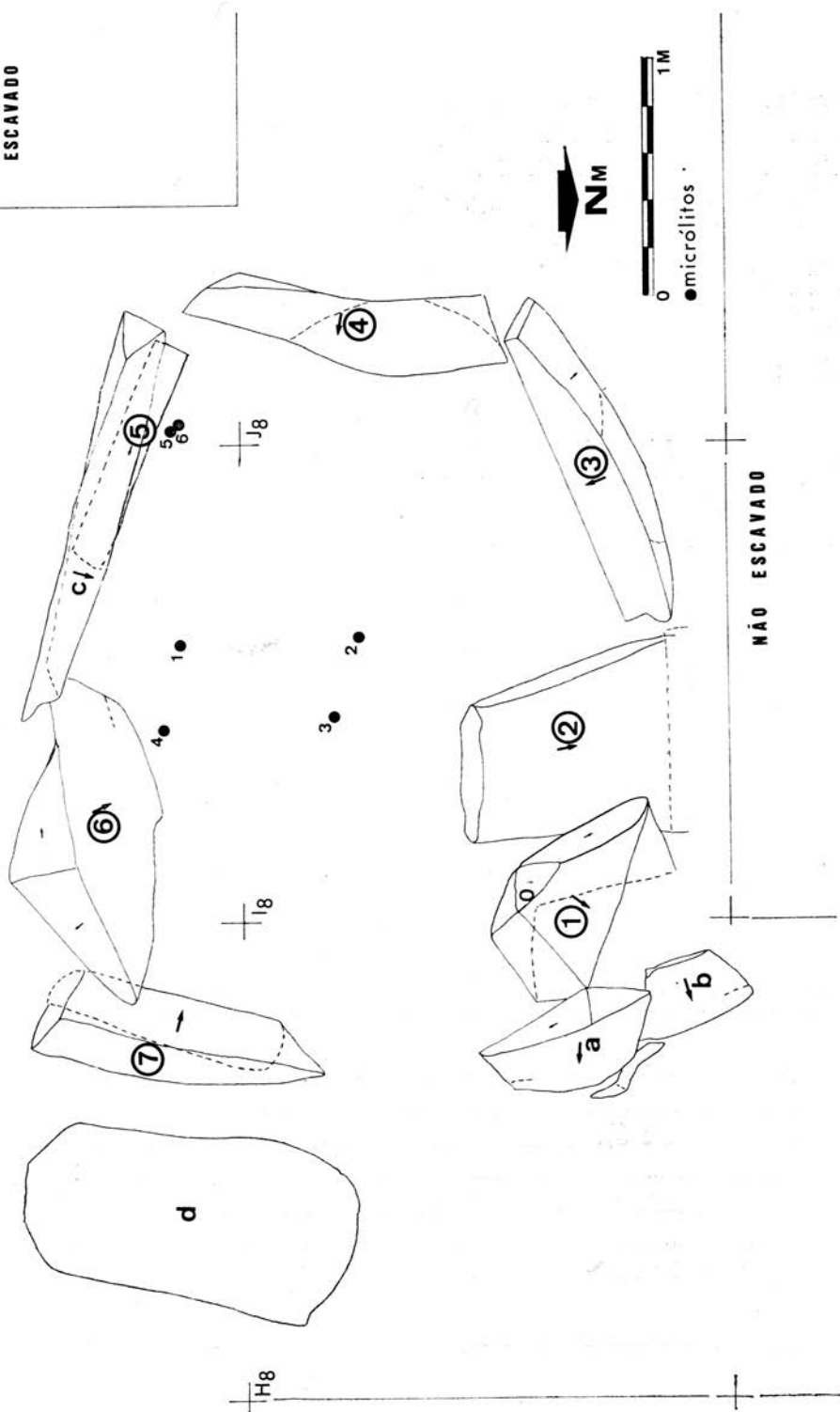


Fig. 8 — Planta da câmara. 1 a 7 — esteios ou fragmentos de esteios; a, b e c — lajes de contrafratagem de esteios; d — fragmento de esteio tombado no exterior da câmara, na parte inferior da grande fossa de violação. Os pontos numerados no interior do espaço sepulcral indicam a posição planimétrica dos seis microlitos geométricos.

veis antes dos trabalhos, auspiciarem um maior estado de ruína. Trata-se de uma câmara poligonal alongada, sub-elíptica, com sete esteios, tendo a entrada voltada a nascente. Dimensões: comp. (da entrada para a laje de cabeceira) — c. de 3 m.; larg. da entrada — c. de 0,65 m.; da parte central — c. de 2,40 m.; do fundo — c. de 1,40 m. Altura máxima (laje de cabeceira) — c. de 2,70 m.; altura do esteio maior «in situ» (n.º 1) — c. de 2,25 m.

De leste para oeste, e do norte para sul, o estado dos esteios era o seguinte:

N.º	Dimensões		Estado de Conservação
	Larg. Máx.	Altura Máx.	
1	0,70 m.	2,25 m.	«In situ». Fragmentado na extremidade distal.
2	0,85 m.	1,60 m.	Base aprox. «in situ»; inclinado para o interior. Frag. ^{do} na extremidade distal.
3	1,30 m.	1,10 m.	«In situ». Reduzido à base.
4	1,35 m.	2,70 m.	Tombado para o interior; reerguido durante a escavação.
5	1 m.	0,40 m.	«In situ». Reduzido à base.
6	1,40 m.	1 m.	Fragmento tombado.
7	1,10 m.	0,90 m.	«In situ». Reduzido à base.

Além destes esteios, há ainda a referir os seguintes elementos:

— junto ao esteio n.º 1, encostadas a ele, e em posição imbricada, existiam duas lajes de porte considerável, embora de menor dimensão (*a* e *b*). A elas vinha juntar-se o contraforte, sendo evidente a sua função: criar uma superfície ampla de sustentação para o esteio n.º 1. Não sabemos se os restantes esteios do lado norte estavam escorados de igual modo (não escavámos essa parte), mas é provável, tanto mais que o pequeno esteio 5, do lado oposto, se encontrava também contrafortado por uma enorme laje (*c*). De notar que a laje *a* tinha também a função de estran-

MAMOA 1- OUT. ANTE
CÂMARA - ALÇADO NORTE

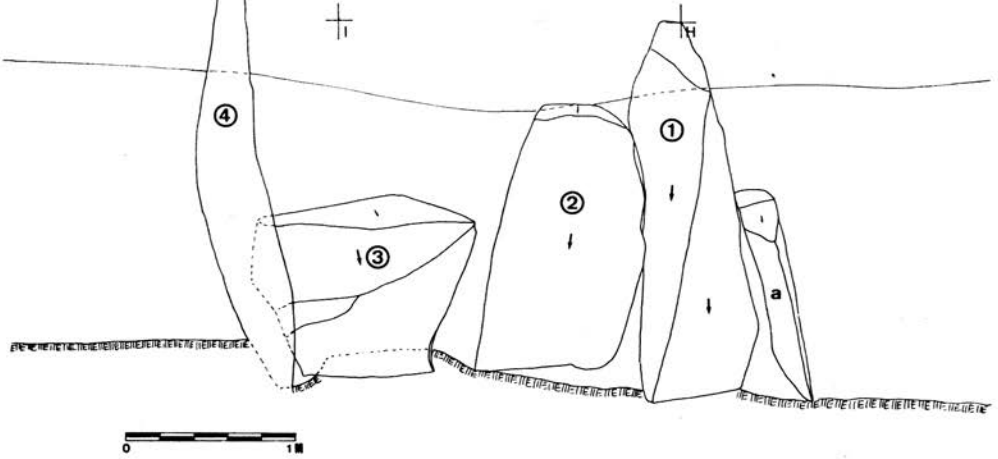


Fig. 9 — Câmara — alçado norte.

MAMOA 1- OUT. ANTE
CÂMARA - ALÇADO SUL

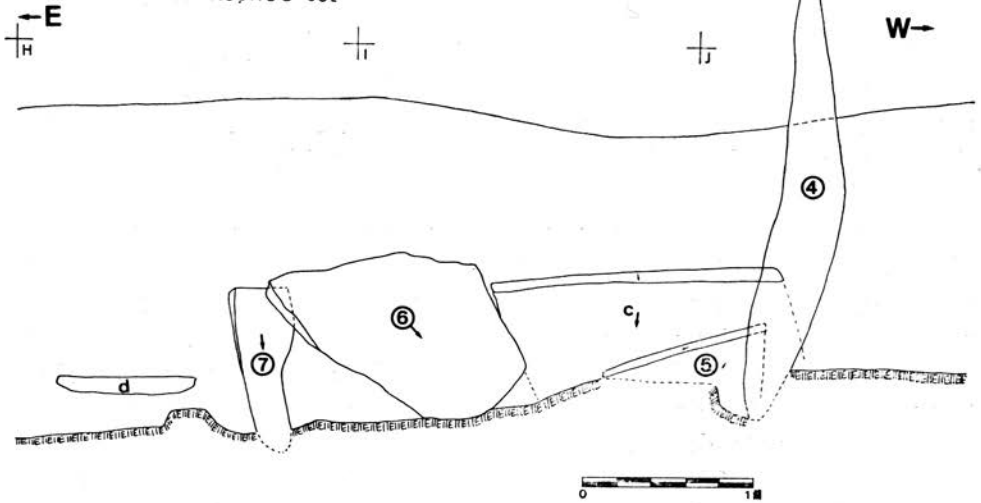


Fig. 10 — alçado sul.

gular um pouco o espaço de entrada, acentuando-o. São as seguintes as dimensões destas três lajes:

	<i>Largura máxima</i>	<i>Altura máxima</i>
a	0,65 m.	1,25 m.
b	0,50 m.	1,20 m.
c	1,75 m.	0,70 m.

— no exterior da câmara, e do lado leste dela, foram encontrados dois esteios (ou, melhor, fragmentos de esteios) tombados, qualquer deles incluído na enorme bolsa de violação: laje *d*, situada no H7-H8, à cota média de 200 cm.; laje *e*, situada no G8-H8, à cota média de 110 cm. (as cotas indicadas referem-se à face superior das lajes).

Dimensões destes esteios: *d* — comp. máx. — 1,40 m.; larg máx. — 0,75 m.; esp. média — 0,12 m.; *e* — comp. máx. — 1,60 m.; larg. máx. — 0,80 m.; esp. média — 0,30 m.

Quando foi levantada a grande laje de cabeceira até uma posição próxima da original, ficaram à vista sedimentos que ela cobria, e foi possível, através da sanja W-b (H7, I7 e metade do J7) encontrar o topo dos fragmentos de esteios do lado sul da câmara, e escavar progressivamente, por decapagem horizontal (mantendo cortes de controlo estratigráfico junto à base dos esteios) todo o conteúdo do compartimento assim delimitado.

Esse conteúdo revelou-se, em todos os momentos, bastante revolvido, e não disposto em camadas homogêneas interessando toda a câmara ou, pelo menos, uma parte significativa dela. Todavia, num corte perpendicular ao eixo maior da mesma câmara, observou-se uma camada superficial correspondente à acumulação de sedimentos muito finos (com intercalações de areia granítica e de alguns pequenos blocos), decerto resultante de transporte por águas; essa camada apresentava uma espesura de 20-25 cm., e sobrepunha-se, no mesmo corte, a um outro nível com 30-40 cm. em média, de terras acastanhadas, com peque-

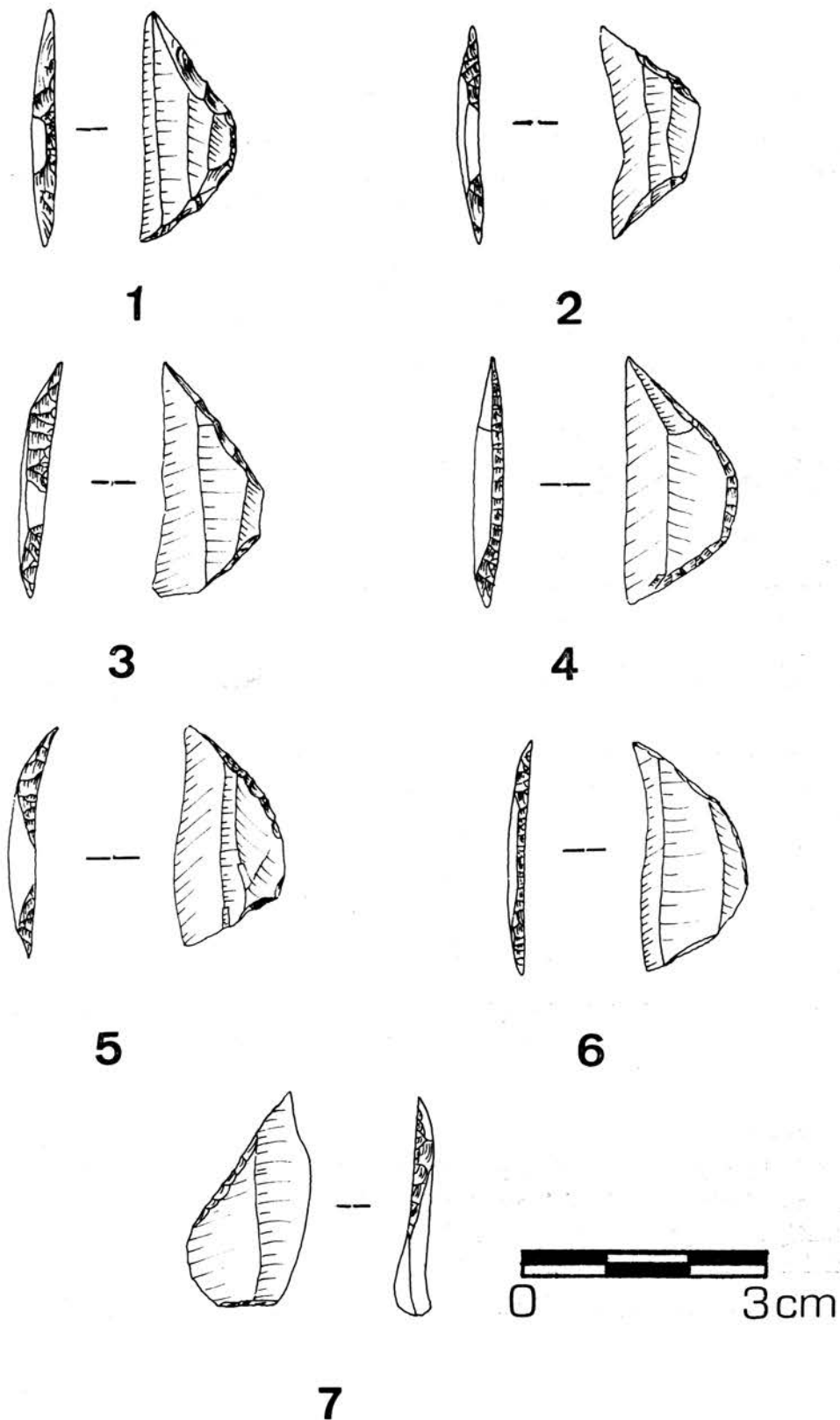


Fig. 11 — Micrólitos geométricos (1 a 6; a numeração corresponde à do texto) e truncatura oblíqua (7) da Mamoa 1 de Outeiro de Ante.

nas pedras, relacionadas provavelmente com revolvimentos antigos. Para além desta observação preliminar, não existia na câmara uma estratigrafia arqueológica significativa. Porém, durante as decapagens, sobretudo do lado sul da câmara, junto aos esteios 5 e 6, precisamente na área em que apareceram os seis micrólitos geométricos, verificou-se que os últimos 10-20 cm. do enchimento, embora não pudessem considerar-se uma camada bem diferenciada, apresentavam uma particular compactidade, pelo que, na nossa opinião, correspondem à zona menos perturbada da câmara. Em parte alguma desta apareceu o que corresponderia ao seu piso original; mas a ocorrência, junto à base de alguns esteios, de pequenos seixos rolados «in situ», ou pelo menos muito próximos da sua posição primitiva (dado o menor grau de revolvimento dessas pequenas zonas periféricas), seixos esses que apareceram em grande quantidade em toda a câmara e áreas anexas, faz-nos levantar a hipótese de que eles tivessem pertencido a um pavimento primitivo, situado poucos centímetros acima da rocha de base, o qual recobriria possivelmente uma fina camada de terra deposta sobre ela, regularizando o nível em que seriam colocados os corpos. Trata-se, para já, de uma simples hipótese.

Junto à base interior de todos os esteios foram encontradas pedras de escoramento interior dos mesmos. Tais pedras preenchiam a parte interna da bolsa aberta no granito em que assentava a base de cada esteio. A desproporção entre a pouca profundidade dessas bolsas e a dimensão dos esteios era particularmente nítida na laje de cabeceira: c. de 20 cm de profundidade para uma laje com c. de 2,70 m. de altura. Também foi junto ao esteio n.º 5 que esse «forro» interior da «cama» dos esteios se apresentou melhor conservado; é possível que a queda precoce da pesada laje de cabeceira tenha contribuído para preservar melhor essa pequena área da câmara, à qual só teria acesso quem reerguesse aquela laje. É assim que cunhas abertas por pedreiros nos esteios, para os partir, foram encontradas no topo do que resta dos esteios 6 e 7, mas não, por exemplo, na grande laje de escoramento do esteio 5; essas marcas da acção de pedreiros poderão datar ainda do nosso século, quando foi construído o Tapado de Henrique Fonseca, contíguo, enquanto que a laje de cabeceira deveria ter tombado há muito mais tempo, talvez no decorrer das primeiras violações.

Seja como for, o dólmen da mamoa 1 de Outeiro de Ante é uma

estrutura ainda relativamente bem conservada, e imponente, mostrando, com a sua câmara poligonal alongada, uma solução bem diferente da do dólmen da Chã de Parada, onde a preocupação de criar um espaço sepulcral vasto levou ao desenvolvimento da câmara em largura, para um e outro lado da entrada.

3 — ESPÓLIO E AMOSTRAS RECOLHIDOS

3.1 — *Espólio arqueológico*

O espólio desta mamoa pode resumir-se no quadro seguinte:

ESPÓLIO CERÂMICO	<ul style="list-style-type: none"> * 19 fragmentos de um vaso feito a torno, incluindo parte do bordo, da pança, do fundo e uma asa, que colaram; 1 fragmento do bordo do mesmo vaso; 26 pequenos fragmentos do mesmo vaso.
	<ul style="list-style-type: none"> * 6 fragmentos de um vaso feito à mão, correspondentes ao bordo, cinco dos quais colaram; 34 pequenos fragmentos, provavelmente do mesmo vaso; dois deles colaram, e apresentam parte de uma carena.
	<p>32 pequenos fragmentos de vasos cerâmicos, alguns dos quais com uma pasta de textura extremamente friável; entre eles dois fragmentos de bordo, muito pequenos. Provêm do interior da câmara, na sua quase totalidade.</p>
	<p>74 fragmentos de vasos cerâmicos, com roda, de época histórica, e na totalidade incaracterísticos. Provêm do exterior e interior da câmara.</p>
ESPÓLIO LÍTICO	<ul style="list-style-type: none"> * 6 micrólitos geométricos
	<ul style="list-style-type: none"> * 1 truncatura oblíqua, em sílex 1 lamela em sílex 2 fragmentos de lamela em quartzo hialino
	<ul style="list-style-type: none"> * 1 buril atípico, em sílex 2 «encoches», em quartzo leitoso 2 lascas de cristal de quartzo leitoso 12 resíduos de talhe em quartzo leitoso
	<ul style="list-style-type: none"> * 1 fragmento de elemento móvel de moinho manual * 1 seixo rolado ovóide, em quartzito
	<p>447 pequenos seixos rolados de várias matérias-primas, predominando os seixos achatados, em xisto.</p>
	<p>Total</p>
665 objectos	

Abordaremos, de seguida, os objectos assinalados com asterisco.

Fragmentos de um vaso feito a torno

Localização: dispersos em vários núcleos, na área exterior à câmara, e contínua à entrada da mesma, sobre e sob um grande esteio tombado no H8 (e) e sob o esteio tombado no H7-H8 (d). A sua relação com a área violada era clara. Para ilustrar a dispersão referida, indicamos a localização precisa de alguns fragmentos:

Fundo	—H8—x (dist. em rel. ao lado N. do quadrado) — 50 cm.;
	y (dist. em rel. ao lado E. do quadrado) — 45 cm.;
	z (prof. em relação ao nível 0 de referência) — 113 cm.;
Arranque da asa	—H8—x— 46 cm.; y— 73 cm.; z—122 cm.;
Asa	—H8—x—110 cm.; y— 60 cm.; z—166 cm.;
Fragmento de bordo	—H7—x— 40 cm.; y— 96 cm.; z—193 cm.;
Fragmento de bordo	—H7—x— 8 cm.; y—110 cm.; z—212 cm.

Estes fragmentos permitiram reconstruir um jarro com cerca de 18,8 cm. de altura, c. de 13,1 cm. de diâmetro na boca e c. de 10,3 cm. de diâmetro externo, no fundo. É um vaso de perfil sinuoso (bordo alto, extrovertido, de extremidade arredondada; colo bem marcado e corpo globular), fechado, mas com abertura larga, e fundo plano. É provido de uma asa de secção sub-rectangular, cuja parte inferior arranca do meio da pança, devendo a sua parte superior unir ao corpo do vaso a alguns centímetros abaixo do bordo (a asa está incompleta).

A pasta é de textura compacta, com e. n. p. constituídos por grãos de quartzo e palhetas de mica de calibre médio. Cor castanho-escuro nas superfícies, que são alisadas, mas se apresentam rugosas ao tacto (sobretudo a exterior). Em algumas fracturas, zona enegrecida junto à superfície exterior, a qual tem, por vezes, aderências de negro de fumo.

Na opinião do Doutor Carlos Alberto F. de Almeida, este vaso pode ser medieval; está ligado certamente a violações antigas da mamoa, pois os vários fragmentos encontravam-se dispersos nos entulhos devidos a tais violações, alguns a grande profundidade e sob esteios tombados.

6 fragmentos de um vaso feito à mão

Localização: em terras revolvidas, próximas do fundo da câmara (prof. média, 210-212 cm.), no I7 e I8. Localização precisa de dois dos fragmentos:

Fragmento de bordo — I7 — x — 50 cm.; y — 110 cm.; z — 212 cm.;

2 Fragmentos da parede do vaso, com carena (colados) — I8 — x — 30 cm.; y — 150 cm.; z — 210 cm.

Dimensões: Fragmento de bordo: alt. — 2,8 cm.; larg. — 3,1 cm.; esp. — 0,7 cm.;

3 fragmentos, colados (dois do bordo): alt. — 2,8 cm.; larg. — 4 cm.; esp. — 0,7 cm.;

2 fragmentos da parede do vaso, com carena, colados: alt. — 2,9 cm.; larg. — 3,8 cm.; esp. — 0,9 cm.

Pasta de textura compacta, com e. n. p. constituídos por grãos de quartzo e palhetas de mica de calibre médio; cor castanho-acinzentada escura, nas superfícies (alisadas) e nas fracturas.

Trata-se, provavelmente, de um vaso carenado, com bordo extrovertido de extremidade arredondada, articulável, pelo menos na pasta, com vasos do Tapado da Caldeira, na periferia da Serra da Aboboreira (datáveis do Bronze final?). A sua ocorrência numa camada profunda da câmara, embora revolvida, parece apontar para uma utilização do monumento ainda numa fase muito recente da Pré-história.

6 Micrólitos geométricos

Localização: no fundo da câmara, perto do granito diaclasado da base, na área central (I8) e sul (I7 e J7, junto aos esteios 5 e 6) da câmara. Estes micrólitos surgiram numa camada castanho-escura, mais compacta do que as superiores, que ora se sobrepunha às zonas planas da rocha, ora preenchia os seus interstícios. Embora esta camada apresentasse sinais de revolvimento, e estivesse reduzida a simples vestígios em pequenas áreas — acusando portanto marcada descontinuidade — pensamos que é possível que corresponda aos restos de um primeiro, ou muito antigo, nível de utilização do monumento.

São os seguintes os micrólitos encontrados:

N.º	Localização				Dimensões			Classificação	Matéria-prima
	Q.	X	Y	Z	Comp.	Larg.	Espes.		
1	I7	24 cm	116 cm	216 cm	2,8 cm	1,1 cm	0,3 cm	Trapézio assimétrico c/ truncatura maior alongada	Sílex
2	I8	152 cm	118 cm	215 cm	2,5 cm	1 cm	0,3 cm	Trapézio assimétrico c/ truncatura maior curta	Sílex
3	I8	165 cm	85 cm	214 cm	2,8 cm	1,2 cm	0,4 cm	Trapézio assimétrico c/ truncatura maior alongada (forma—limite entre o trapézio e o segmento de círculo)	Sílex
4	I7	40 cm	80 cm	217 cm	2,9 cm	1,3 cm	0,3 cm	Segmento largo	Sílex
5	J7	30 cm	5 cm	225 cm	2,6 cm	1,3 cm	0,3 cm	Segmento largo	Sílex
6	J7	28 cm	6 cm	225 cm	2,7 cm	1,3 cm	0,2 cm	Segmento largo	Sílex

Utilizámos, na classificação destes micrólitos, a metodologia corrente no Epipaleolítico-Mesolítico francês: G. E. E. M., *Épipaléolithique-Mésolithique. Les microlithes géométriques*, B. S. P. F., *Études et Travaux*, t. 66, 1969, pp. 355-366.

Truncatura oblíqua, em sílex

Localização: H8 — x — 140 cm.; y — 40 cm.; z — 178 cm.

Dimensões: comp. — 2,6 cm.; larg. — 1,3 cm.; esp. — 0,4 cm.;

Lâmina de pequenas dimensões, com bolbo na base do reverso, e truncatura oblíqua do lado esquerdo do anverso, produzida por um retoque abrupto.

Buril atípico, em sílex

Localização: x — 20 cm.; y — 15 cm.; z — 162 cm. Sob o esteio tombado no H8 (e), em sedimentos revolvidos pelas violações.

Dimensões: comp. — 1,9 cm.; larg. — 0,9 cm.; esp. — 0,9 cm.

Fragmento de elemento móvel de moinho manual, em granito (aplito)

Localização: H8 — 180 cm.; y — 160 cm.; z — 220 cm. Junto à base do esteio 7, à entrada e já no interior da câmara.

Dimensões: comp. — 6,6 cm.; larg. — 4,7 cm.; esp. — 5 cm. Base plana, com nítido «polimento» de uso.

Seixo rolado ovóide, em quartzito

Localização: H8 — x — 100 cm.; y — 180 cm.; z — 85 cm. Junto à face exterior do esteio n.º 1.

Dimensões: comp. — 5 cm.; larg. — 4,6 cm.; esp. — 3,4 cm.

3.2 — Amostras recolhidas

Carvões

Foram recolhidos carvões nos seguintes locais:

	<i>Quadrado</i>	<i>Coordenadas</i>	<i>Comentário</i>
EXTERIOR DA CAMARA	H 7	x — 19 cm y — 54 cm z — 235 cm	Perto do esteio 7, junto ao saibro (sedimentos revolvidos)
	H 8	x — 110 cm y — 60 cm z — 166 cm	Com fragmentos do vaso com torno (sedimentos revolvidos)
	* L 8	x — 60 cm y — 120 cm z — 187 cm	Sob o contraforte da câmara, junto ao saibro; «in situ»
CAMARA	* I 7	x — 27 cm y — 168 cm z — 124 cm	No fundo da câmara, em sedimentos que continham micrólitos
	I 7	x — 6 cm y — 0 cm z — 232 cm	No fundo da câmara, próximo da entrada (sedimentos revolvidos)

Da observação do quadro apresentado, resulta que apenas os carvões assinalados com asterisco poderão ter interesse para análise de C14, sobretudo os do L8, que estavam indubitavelmente «in situ». Encontram-se actualmente no Lab. de Geocronologia do C. S. I. C. (Madrid), para datação.

Elementos vegetais carbonizados

Em sedimentos revolvidos, a uma profundidade próxima do fundo da câmara, correspondente à cota média a que foram encontrados os fragmentos de um vaso carenado feito à mão (210-212 cm.), no I8, foram descobertos dois pseudobolbos basicaulinares de *Arrhenatherum elatius* (L.) Beauv. ex J. & C. Presl. ssp. *bulbosum* (Willd.) Chubler & Martens (seg. A. R. Pinto da Silva, da Estação Agronómica Nacional). Aliás, restos carbonizados desta gramínea (erva-nozelha) aparecem frequentemente nas mamoaas da Aboboreira.

4 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mamoa 1 de Outeiro de Ante é um dos mais importantes monumentos do conjunto da Aboboreira, quer pelas suas dimensões, quer pelo razoável estado de conservação da câmara, quer ainda pelas estratigrafias e até espólio que revelou. O megálito corresponde a um dos «tipos» arquitectónicos presentes na Serra: câmara *alongada* aberta, sem corredor, contrastando claramente, quer com as câmaras poligonais, com toda a probabilidade fechadas, do tipo Outeiro de Gregos 2 e 3, quer com a grande câmara *alargada* aberta, com corredor, do dólmen de Chã de Parada. Aquele tipo parece estar presente noutros monumentos da zona, como, por exemplo, na própria Mamoa 2 de Outeiro de Ante (onde uma câmara alongada aberta se achava inserta num «tumulus» tão pequeno e tão próximo do da Mamoa 1 que dir-se-ia tratar-se de uma mamoa «satélite» desta). Se aos três «tipos» acima enunciados juntarmos aqueles a que parece corresponderem, por um lado a Mamoa 1 de Outeiro de Gregos (câmara poligonal fechada, muito baixa, inserta num «cairn» pouco destacado no terreno), por outro a Mamoa 5 do mesmo núcleo (ausência total de megálito) teremos uma primeira imagem do polimorfismo arquitectónico existente neste conjunto megalítico da Aboboreira. Essa imagem aponta para uma com-

plexidade e diversidade de aspectos que uma futura tipologia tem de considerar, tanto à escala de uma pequena região como a da Aboboreira como, e à medida que as pesquisas se ampliarem, à escala do Noroeste peninsular.

Na explicação desse polimorfismo haverá que ter em conta variados factores. Um deles será decerto o cronológico. «A priori», temos de admitir que em cada um dos núcleos megalíticos da Aboboreira poderão existir monumentos inteiramente contemporâneos (isto é, utilizados simultaneamente por um ou vários grupos sociais), ligeiramente desfasados no tempo (isto é, a sua utilização seria sucessiva, o abandono de uns implicaria a erecção de outros) ou de épocas totalmente diferentes, isto para só nos referirmos aos períodos de construção. Em Outeiro de Ante, para já, possuímos datas de C14 apenas para uma mamoa, a n.º 3, datas essas que foram obtidas a partir de carvões encontrados no «tumulus», e que apresentam importantes desfazamentos entre si: 3830 a.C.; 3590 a.C.; 2850 a.C.; 2140 a.C.. Como causas de tais desfazamentos, poderão ter jogado, por um lado, raízes e radículas actuais que se encontram a todas as cotas do «tumulus» (no sentido do rejuvenescimento das datas) e, por outro, carvões que já existissem nas terras transportadas para a construção da mamoa (funcionando no sentido oopsto). Todavia, houve o cuidado, ao seleccionar as amostras para datação, de escolher aquelas que ofereciam melhores condições, por pertencerem, com toda a probabilidade, a fogueiras feitas durante a erecção do monumento. Comparando com o que se passa na Mamoa 2 de Outeiro de Gregos, temos uma data, para o solo enterrado sob o «tumulus», de 3000 a. C., enquanto que carvões recolhidos na mesma mamoa (mas aqui sem uma concentração espacial como a que se notava nas amostras de Out.º de Ante 3) deram a data de 3550 a. C.. Novamente, portanto, um envelhecimento que, aqui sim, deve ter sido provocado por carvões anteriores à construção, e transportados para a mamoa durante a mesma construção. Temos pois de aguardar novos resultados de análises em curso.

Contudo, a Mamoa 3 de Outeiro de Gregos deu-nos duas datas (também a partir de carvões do «tumulus») bastante homogéneas: 3250 a.C. e 3280 a.C. Será que devemos situar o «arranque» do megalitismo da Aboboreira na 2.ª metade do IV milénio a.C.? É possível, mas é ainda cedo para sermos demasiado afirmativos.

Ao observarmos os três monumentos de Outeiro de Ante no seu conjunto, verificamos estarmos perante um enorme «tumulus», o n.º 1, com uma grande câmara alongada, aberta a nascente, tendo, nas suas imediações, uma mamoa quase imperceptível na paisagem, mas com um megálito de estrutura provavelmente semelhante (n.º 2), e, nas suas proximidades (a uns 70 m. mais a sul) um outro «tumulus» de dimensão média, com uma câmara também possivelmente aberta, mas de planta que tende mais para o polígono regular, com um pequeno espaço sepulcral (n.º 3). Em visão de conjunto, e se optássemos por uma interpretação evolucionista linear, tenderíamos a colocar, numa escala de tempo (do mais antigo para o mais moderno) e em função do alargamento do espaço funerário, algumas das mamoas estudadas pela seguinte ordem: Mamoa 3 de Outeiro de Gregos (pequena câmara poligonal, decerto fechada) — Mamoa 2 do mesmo conjunto (idem) — Mamoa 3 de Outeiro de Ante (câmara poligonal de modestas dimensões, aberta) — Mamoa 1 do mesmo conjunto (grande câmara poligonal alongada, aberta) — Dólmen de Chã de Parada (grande câmara poligonal alargada, com corredor) — Mamoa 1 de Outeiro de Gregos (de novo pequena câmara poligonal fechada, significando já a transição para a cista). Mas um esquema destes, embora aliciante, porque simples, não será simplista, e erróneo? Factores de ordem social (por exemplo, hierarquização de linhagens no seio tribal relacionadas com graus diferentes de monumentalidade dos túmulos) ou simbólica (tipos construtivos ligados a diferentes tradições no conjunto tribal; funções culturais diversificadas consoante os tipos de monumentos, etc.) podem ter introduzido complicações no «puzzle», com que temos de contar. Os próximos anos de trabalho na Aboboreira — o objectivo desta linha de investigação é o estudo exaustivo do conjunto, e não de monumentos isolados, que são apenas etapas do processo — responderão decerto a algumas das nossas perguntas, ao mesmo tempo que, podemos prevêê-lo, levantarão outras quantas mais.

5 — BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- Jorge, Vítor Oliveira, Escavação das mamoas 2 e 3 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião), *Rev. Guimarães*, LXXXIX, 1979, pp. 251-264;

- idem, Escavação da Mamoa 3 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira, Baião), *Actas Seminário Arqueologia Noroeste Peninsular*, I, Guimarães, 1980, pp. 41-69;
- idem, A mamoa 2 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira — Baião), *Rev. Guimarães*, XC, 1980, pp. 191-209;
- idem, Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira — Baião), *Portugalia*, nova série, I, 1980, pp. 9-28;
- idem, Importância do núcleo megalítico de Outeiro de Gregos. Serra da Aboboreira — Baião, *Arqueologia*, 3, Junho 1981, pp. 29-35;
- idem, *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto — os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Porto, Faculdade de Letras (Dissertação de doutoramento), 1982.

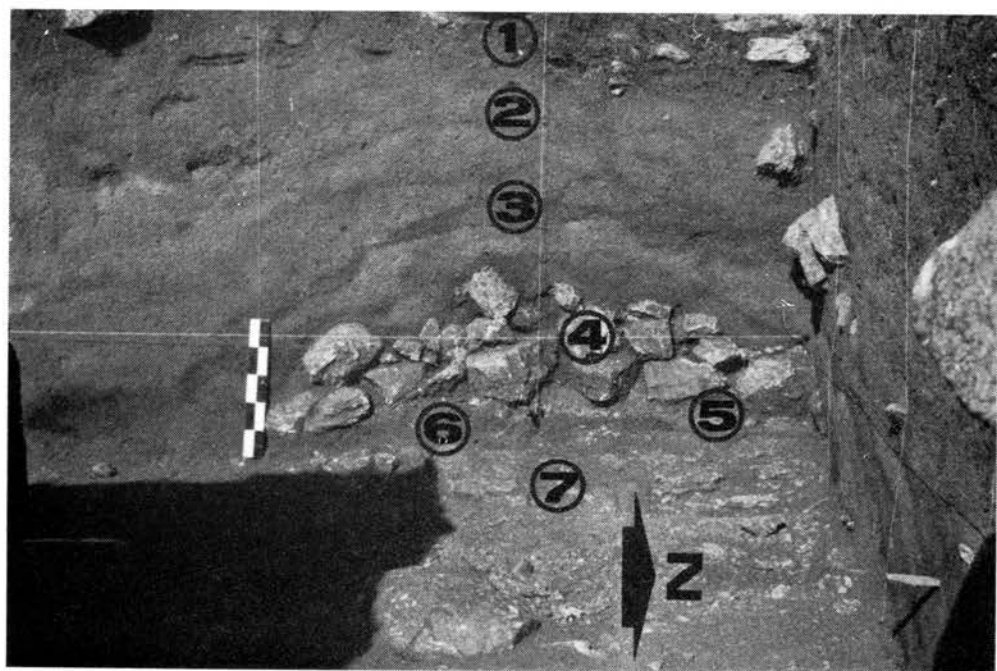
(Manuscrito entregue em 31 Outubro 1982).

Est. I — 1 — Junção dos lados oeste e norte do G7, vendo-se a extremidade do contraforte da câmara;
2 — detalhe da fig. anterior. Estratigrafia (v. perfil da fig. 7): 1 — terras húmosas (violação); 2 — terras castanho-acinzentadas, «in situ»; 3 — sedimento do tipo limo; 4 — contraforte; 5 — saibro depositado; 6 — solo enterrado; 7 — granito alterado da base.





←(1) ↓(2)





Dois aspectos da câmara dolmênica no fim das escavações.